

JOICE APARECIDA DA SILVA CORREA



**ARTES VISUAIS: COMO INSERIR E DESENVOLVER CONTEÚDOS
RELEVANTES AO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM AOS ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

JOICE APARECIDA DA SILVA CORREA

**ARTES VISUAIS: COMO INSERIR E DESENVOLVER CONTEÚDOS
RELEVANTES AO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM AOS ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Kleumanery de Melo Barboza

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Correa, Joice Aparecida da Silva, 1990-
Artes Visuais: Como inserir e desenvolver conteúdos relevantes ao processo de ensino/aprendizagem aos alunos com deficiência visual: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Joice Aparecida da Silva Correa . – 2015.
22 f.

Orientador(a): Kleumanery de Melo Barboza

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Barboza, Kleumanery de Melo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Arte Visuais: Como inserir e desenvolver conteúdos relevantes ao processo de ensino/aprendizagem aos alunos com deficiência visual*, de autoria de Joice Aparecida da Silva Correa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Kleumanery de Melo Barboza - Orientador

Prof.^a Conceição Linda da França (Membro da banca)

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedico este trabalho, a minha família, meu esposo Valdinei pela paciência, minhas filhas Mariane e Giovana, e toda a família que me apoiaram para a conclusão deste trabalho.

A meus avós - em memória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que proporcionou a realização deste trabalho.

A minha orientadora Kleumanery Melo, pela paciência e grande colaboração para a realização da pesquisa.

Aos tutores, Raphaela e Luís Carlos, e não me esquecendo, Moísa e Gladston que também foram fundamentais para a conclusão deste curso.

Aos professores, que mesmo de longe proporcionaram o conhecimento, para que possa contribuir direta ou indiretamente para minha formação.

A UFMG, pela oportunidade de realização do curso.

Aos meus colegas onde me lembrarei de cada um de uma forma especial, pela amizade companheirismo que fizeram parte de minha formação.

Enfim, a toda minha família que sempre me apoiaram, meu muito obrigado.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.
(Marthin Luther King)

RESUMO

A presente pesquisa visa identificar como os professores trabalham a disciplina Artes Visuais com os portadores de deficiência visual? Já que, eles, os portadores de qualquer deficiência já estão inclusos no ensino regular, como então, professores e toda a comunidade escolar podem superar os desafios que acercam o professor arte/educador. Como objetivo, procurei identificar primeiramente a inclusão de alunos portadores de deficiência visual na escola pública, E. E. Prof. Eduardo Daniel Ferreira Dias, a qual se localiza no município onde moro, Campos Gerais – MG. Para a elaboração da pesquisa, enfoquei bastante na tese de doutorado de (LEILA GROSS, 2015), que abordou especificamente o ensino de Arte aos deficientes visuais, sua inserção e materiais aptos para o uso adequado dos alunos. A pesquisa se estabeleceu em um questionário simples, com perguntas diretas para que não fosse exposto diretamente o trabalho da professora e nem os alunos, que nem foram mencionados na pesquisa. A análise do questionário, não foi surpreendentemente fora de da realidade em que vivemos em que alunos têm o direito à inclusão, porém não lhe dão condições de inclusão e acessibilidade, de forma que possam trabalhar e entender os conteúdos propostos iguais a todos, mesmo que de forma diferenciada, mas compreendendo e se socializando com o meio m que o cerca. Assim a arte se encontra em todo o processo da vida escolar, e em nosso dia a dia, e todos devem ter acesso a esta forma de expressão, de como todos vêem o mundo a seu redor. Assim qualquer indivíduo deve ter acesso ao universo artístico, mesmo que estes necessitem de maneiras especiais para apreciá-los.

Palavras-chave: Arte. Desafios. Inclusão.

SUMÁRIO

1 Introdução	08
2 Artes Visuais: como inserir e desenvolver conteúdos relevantes ao processo de ensino/aprendizagem aos alunos com deficiência visuais	10
3 Metodologia.....	14
4 Análise dos dados	15
Considerações finais	19
Referências bibliográficas	21
Anexo	24

1 INTRODUÇÃO

Falar em necessidade especial é um assunto amplo, onde se envolve o contexto familiar, sociedade e o processo de ensino/aprendizagem. As responsabilidades recaem sobre todos, e cada vez mais se introduz dentro das escolas, que tem por seu papel resguardar direitos de qualquer indivíduo que nela insere. Este desafio é apenas mais um em que todos são responsáveis para tornarem estes indivíduos parte integrantes de nossa sociedade, sem discriminá-los, sem preconceito. Por isso que a Arte vem modificar, ou até mesmo transformar a visão que temos quando se fala em inclusão, é o que fala Neli Klix Freitas:

A arte problematiza altera e cria opiniões, questiona o aparentemente inquestionável e move. A informação recebida passivamente ou discutida forma o entrelaçamento da opinião pública. A arte é uma das possibilidades para oferecer informações e criar condições para repensar, desvelando as aparências, revendo o passado e inventando o futuro. Nenhum outro período da história da arte incluiu tanto o debate da diversidade, tratando temas antes pouco explorados, como questões de gênero, classe, etnia, corpo, relação público-obra, questões políticas e sociais. A arte acompanha o homem e sua história em manifestações que refletem o contexto social do momento em que ele está inserido. E, partindo da premissa de que arte é cultura, o estudo de sua produção artística é uma referência potencial aos acontecimentos sociais, políticos e econômicos de cada período (FREITAS, s.d, p.4).

Logo, desafios imensos cerca o arte/educador, como a arte se exprime como pensamentos e sentimentos, ele deve proporcionar um completo desenvolvimento de seus alunos para que eles possam fazer parte da construção de seus ideais, questionando e repensando conflitos e unir os saberes, questionar as decisões e torná-las integradoras do saber e/ou fazer artístico.

Assim a presente pesquisa visa contextualizar o ensino de Artes visuais com alunos que possuem deficiência visual. Será investigada a inserção dos mesmos no ensino regular como alunos inclusos, sem retratá-los como alunos especiais. No mesmo contexto, o professor como arte/educador como o principal intermediador das práticas artísticas observando como trabalha e define técnicas que auxiliam o

aluno nas aulas de Artes Visuais, fazendo que estes assimilem os conteúdos de forma clara e objetiva, mesmo que de formas específicas a cada aluno.

Esta pesquisa, por sua vez, pretende abordar respectivos assuntos aos quais se insere o Ensino de Artes Visuais para a inclusão. Suas peculiaridades e desafios a qual se encontra o arte/educador, buscando por diversas vezes introduzir a todos seu referencial metodológico dentro do contexto de inclusão. Partirá assim, por uma investigação através de um questionário, procurando estabelecer os desafios que os arte/educadores encontram a elaboração de suas aulas a serem ministradas no âmbito escolar como inclusão, desafios estes, que nem sempre são vistos como possibilidades de acrescentar algo novo com que venham revigorar suas propostas pedagógicas, e sim como empecilhos que desanimam e os tornam meramente reprodutores de metodologias tradicionais.

Por sua vez, como introduzir conteúdos a “estes inclusos” no campo de Artes Visuais sem os colocar como diferenciados em sala de aula? Como faz notar REILY (2010):

Numa sociedade que atribui valores desiguais aos conteúdos escolares, [...] não há grande incentivo para os fazeres e saberes da arte na escola, espaço este que reproduz representações historicamente constituídas na sociedade sobre a arte e os artistas (REILY, 2010, n.p).

Poderá então os próprios professores, por si só, ir à busca de maneiras relevantes e concretas para o pleno desenvolvimento do saber artístico? Muito desafio a frente como afirma REILY(2010) “é possível afirmar que muitos dos programas de arte desenvolvidos em contextos institucionais sofrem de um viés terapêutico”.

Assim, por diversas vezes a arte não se incorpora no verdadeiro contexto, fazendo as aulas como meramente passa tempos e distração, deixando de lado o veraz de experienciar, fazer, conhecer e reaprender o fazer artístico. Afinal, a inclusão chegou às escolas e novos princípios devem ser repensados, o aluno é um ser com experiências próprio e cada um aprende do seu jeito e no seu tempo. E no campo da arte não seria diferente, afim de que haja alterações em seus paradigmas, com novas propostas para a construção de escolas mais democráticas e

participativas, onde todas as crianças possam aprender juntas e se fazer apreciadores e criadores no campo da arte.

Diante disso, esse projeto propõe apresentar algumas discussões acerca de novos caminhos que possam surgir no ensino das artes para que esta torne-se mais próxima dos alunos com necessidades especiais, proporcionando a estes o prazer de conhecer o universo artístico que os cerca.

2 Artes Visuais: como inserir e desenvolver conteúdos relevantes ao processo de ensino/aprendizagem aos alunos com deficiência visual

Inclusão, ou direito de todos a educação de qualidade, mesmo que alguns possuem algumas limitações estes têm o direito a conhecer os meios de aprendizagem. Por um longo tempo já se falam em inclusão, e muitas escolas já acolhem estes grupos de alunos. Porém acolher não quer dizer que as escolas estão aptas para trabalhar com estes alunos. Assim buscarei focar o ensino de artes visuais para com alunos que possuem deficiência visual.

Em tese a autora GROSS (2015), relata em sua pesquisa feita com estudo de caso em *Campus São Cristóvão III do Colégio Pedro II*, que a partir de algum tempo se preocupou em oferecer o ensino de Artes Visuais para com alunos com deficiência visual. A autora observou principalmente as práticas do ensino de artes e os materiais relevantes para transmitir a imagem aos alunos. Estes alunos em que tiveram por opiniões próprias estudarem neste colégio que a princípio eram dispensados das aulas de arte, e que somente com o apoio de GROSS (2015) que foi designada para trabalhar no *Campus* e lecionar a disciplina Artes Visuais, para suporte ao processo de inclusão. Nesta ocasião pode detectar em que os alunos possuíam grande interesse na disciplina. Assim constatou alguns aspectos relevantes para ministrar a disciplina como relata,

Para a intermediação da História da Arte foi necessária a produção de um acervo, composto de: 1. reproduções táteis bidimensionais; 2. interpretações de pinturas em alto-relevo com modelagem em massa; 3. maquetes de pinturas (interpretações tridimensionais); 4. Objetos confeccionados em cerâmica e materiais diversos e 5. cópias e réplicas de esculturas. O acervo exemplifica o conteúdo da disciplina do 1º ano do Ensino Médio (movimento Dadaísta e Arte Contemporânea), assim como conceitos básicos dados no Ensino Fundamental (formas abstratas e figurativas, estilizadas e naturalistas, as mudanças na concepção de beleza no decorrer da história e em diferentes culturas e as características da arte tradicional e moderna) (GROSS, 2015, p. 21).

Desta forma, surgiu a intenção na elaboração de sua tese. Em que (GROSS, 2015 p.33) tem como objetivo a inclusão dos alunos no ensino normal para que eles possam ter experiências juntamente com os alunos “normais” a História da Arte e a contextualização da imagem para os deficientes visuais e ou com baixa visão. Em

que relacionam os materiais adaptados a esses alunos para a experimentação tátil, sendo que a própria autora reproduziu obra em auto relevo como o Abaporu de Tarsila Amaral.

Em pesquisa a autora GROSS (2015) ainda relata que o colégio Pedro II, trabalha com os aspectos do Ensino de Arte da autora Ana Mae Barbosa que preconiza o fazer artístico.

Nas aulas de Arte é disponibilizada aos alunos “normais” uma cópia bidimensional da obra e ao aluno(s) com deficiência visual ou baixa visão uma prancha tátil para que todos possam se situar ao mesmo trabalho, fazendo-se necessário a áudio descrição da obra. Nesta ocasião a professora apoiaos alunos com deficiência visual para que os mesmos manuseiem toda a obra, e aos demais alunos fazem a áudio descrição, e todos se interagem no mesmo trabalho sem que os alunos com deficiência visual se sintam tão diferentes com relação aos alunos “normais”.

A autora ainda observou que as aulas proporcionaram entusiasmo a todos os alunos e suas técnicas foram de grande valia, como relata,

(...) o aluno cego, podendo observar a imagem através do recurso tátil, além de ouvir e comentar suas impressões com a turma pode também experienciar arte, serintroduzido no seu contexto e nas suas múltiplas histórias, nos seus personagens e associaçõescom a própria existência e experienciá-la esteticamente, como acontece com os demais alunos que enxergam. Observar imagens, intermediadas pelo ver e ouvir coletivos faz com que estas sejam significativas a partir das subjetividades em jogo. Ou seja, a experiência estética ocorre para além do sentido da visão, na relação entre a obra e as subjetividades dos sujeitos envolvidos, tornando o acesso visual, assim como o acesso tátil, uma de suas possibilidades de abordagem (GROSS, 2015, p.80).

Neste contexto o aluno cego não se encontra na sua totalidade diferenciada dos demais alunos, podendo todos fazer a experiência sem que seja necessária somente a visão da imagem e sim todo contexto que aborda a obra, a escultura e a arte como todo.

Enfim, a autora teve grandes sucessos em seus estudos de caso, pode observar a inclusão desses alunos no Ensino Médio, sem que os mesmos se sentissemcomo incluídos e sim alunos como qualquer outros no Ensino Médio, e

todos os outros “normais” os acolherem muito bem, ajudando-os sem qualquer receio.

Houve dificuldades, é claro, qualquer meio de inclusão em uma escola regular de ensino quando se quer realmente incluir o aluno com qualquer deficiência, primeiramente vai haver uma reflexão por parte de toda a comunidade escolar, se estão aptos para receber esses alunos e como deverão abordá-los. E certamente nossas escolas não estão aptas, porém muitos desses alunos já estão incluídos no ensino regular muitos ainda não sabem trabalhar com os mesmos.

Foi também o que constatou GROSS (2015), através das entrevistas realizadas com alunos que estudam ou estudaram no colégio Pedro II, que apesar da escola estar “apta” para receber os alunos com deficiência visuais, alguns professores, ainda resistem e tem dificuldades para transmitir conteúdos aos alunos com cegueira. E outros já adquiriram maneiras que envolvem toda a classe em suas aulas, em que alunos com cegueira trabalham juntos com os alunos “normais” e vice-versa.

Mas não somente professores que tem que se habituar e contextualizar suas aulas, mas também, toda a comunidade escolar buscando a independência dos alunos com deficiência visual, seres que possam dar continuidade a vida futura, pois é através da escola que se abre portas para uma vida de emancipação e autossuficiente.

Já o autor OLIVEIRA (s.d), em seu artigo retrata através de uma experiência vivenciada com um deficiente visual, que mesmo sendo cego tem uma grande capacidade e sensibilidade de enxergar com os outros sentidos, e fazendo assim instrumentos para seu dia de trabalho. Ainda reforça como o mundo é predominantemente visual, em que se resumem em si o fenômeno artístico. Porém, muitos não possuem a sensibilidade de entender, ou criar possibilidades que alcancem a apreciação do belo pelos deficientes visuais.

A autora REILLY (2010), retrata a questão da arte como inclusão, não somente a deficiência visual, mas de forma geral. Como toda a escola e professores estão despreparados para trabalhar o campo da arte como disciplina fundamental também aos com necessidades especiais. Nesse artigo a autora fala sobre a apreciação da imagem, como diversos autores e pessoas relacionados com o meio artístico buscou transmitir a arte visual aos portadores de deficiência visual,

buscando mostrar que estes possuem competências intelectuais para apreciar a arte.

A autora TOJAL (2007), em sua tese de doutorado enfocou o museu como inclusão para públicos especiais, onde foram realizadas experiências no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo que no início de seu trabalho tinha como gestora Ana Mae Barbosa, em que relata diversos programas que relacionam o museu a públicos especiais. Foram também, abrangidos outros museus, como Amanda Tojal fez um apanhado geral dos espaços existentes no Museu, especificando o espaço como meio integrador de cultura, a qualquer indivíduo, fez se assim um estudo de caso aos museus observando desde a estrutura física aos materiais disponibilizados no museu, se os museus correspondiam com as necessidades dos públicos que lá iam para experimentar a Arte.

Pode se concluir então que, como relata a autora,

[...] permite concluir que é perfeitamente possível acreditar no desenvolvimento de políticas públicas de acessibilidade e inclusão de públicos especiais em museus. [...] cada a qual a sua maneira, revelam, ao mesmo tempo, carências em termos de acessibilidade e capacidade de superá-las (TOJAL, 2007, p. 271).

Assim abre-se uma porta para desenvolvimento de vários projetos acerca da inclusão dos públicos especiais em museus, é possível, e estes públicos mostram-se receptores da Arte, cada um de sua maneira, mas todos com o mesmo propósito.

Já a autora PAGLIUCA (1993) em publicação na Rev. latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 4, no especial, p, 127-37, abril 1996, retrata a experimentação de pessoas cegas com a arte plástica. Em que três artistas, como Gilberto Cardoso, Sérvulo Esmeraldo e Ascal, em que elaboraram suas obras especificamente para o público com deficiência visual. Visando compreender a comunicação dos cegos, que vive em um mundo predominantemente visual. Esta exposição aconteceu na cidade de Fortaleza, no período de cinco a dezesseis de outubro de 1993.

Nesta exposição os artistas preocuparam – se em realmente transmitir a arte aos cegos, detalhando suas obras com objetos e texturas que facilitassem a compreensão dos mesmos, em contrapartida relata a autora,

Pode-se inferir também, que esta clientela não recebe nenhuma informação e formação para as artes plásticas o que sem dúvida gera baixa motivação para fruir desta expressão artística. Esta constatação não se restringe ao cego, mas ao próprio vidente que no nosso meio tem pouco acesso a museus e galerias, ainda considerados uma manifestação elitista da cultura (PAGLIUCA, 1993.p. 132).

Porém, mesmo sem saberem toda a técnica do processo artístico e/ou a História da Arte, estes se envolvem e querem estabelecer uma conexão com a obra. A autora pode concluir então (PAGLIUCA, 1993. p. 135), que o universo artístico é um grande intermediador de comunicação dos cegos com o mundo a seu redor, que utilizando a percepção tátil, o cego manifesta suas potencialidades e se sentem parte integradora no convívio social.

2.1 METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de forma qualitativa, que segundo Adorno (1956) *apud* GROSS (2015):

[...] não define tanto um setor quanto um método, cuja tendência é para se estender a toda a área da sociologia e que se inspira na exigência de uma investigação exata e objetiva, de acordo com a orientação estabelecida pelas ciências naturais. Para tal propósito, é essencial o papel dos critérios de verificabilidade ou falsidade dos enunciados, da pendência dos momentos subjetivos da investigação. [...] Mas essa tendência para separar o equipamento metódico dos objetos e conferir-lhe autonomia faz-se acompanhar de grandes dificuldades (ADORNO, 1956 *apud* GROSS, 2015, p.93).

Pode-se observa que, a pesquisa qualitativa não se refere em representar uma estatística dos dados coletados, pois abordar artes visuais para os deficiente visuais requer um olhar minucioso para retratá-lo. Porém não se pretende rotular o ensino de artes visuais aos alunos com deficiência visuais, e sim como os arte/educadores enfrentam a realidade da inclusão sem espaços e materiais que facilitem o conhecimento.

O instrumento de coleta da pesquisa consistiu em um questionário aberto, possibilitando que o mesmo sinta-se livre para respondê-las. O questionário consiste

em onze (11) perguntas, (ANEXO 1). Que foi aplicado na Escola Estadual Professor Eduardo Daniel Ferreira Dias, com a professora Helena de Fátima Miguel que possui Licenciatura plena em Educação Artística e leciona há 15 anos. E este ano teve a oportunidade de lecionar para dois alunos que possui deficiência visual.

Com a aplicação desse questionário procuro estabelecer a experiência do arte/educador com alunos portadores de deficiência visual, enfocando principalmente seus maiores desafios, realizações e projetos para a inserção dos mesmos sem diferenciá-los totalmente, levando em consideração que cada aluno tem suas especificidades.

As informações coletadas serão analisadas, de forma descritiva sem generalizá-las com opiniões próprias do pesquisador, que visem a retorcir a própria realidade descrita pela professora.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Ao analisar um questionário deve-se observar minuciosamente o que o entrevistado respondeu buscando interpretá-lo sem impor a opinião do entrevistador. É o que se refere Henrique Freitas,

Quando se constrói um questionário, fabrica-se um captador, um instrumento que vai nos colocar em contato com aquele que responde. Essa interação é condicionada por aquilo que permitiu fabricar o questionário, o que nos dá o modelo, a imagem [...] (FREITAS, 2000, n.p).

Por tanto, o questionário foi proposto com perguntas disparadoras que retratassem a experiência do arte/educador com alunos com deficiência visual inclusos no Ensino Médio Regular, em que a professora Helena foi prontamente disposta em responder o questionário dando base de sua prática com a experiência com os alunos que possuem deficiência visual, do modo em que não expusesse seus alunos.

A professora relatou no questionário que leciona a disciplina de Arte a quinze (15) anos, e que este ano está tendo a oportunidade de trabalhar com dois (2) alunos que possuem deficiência visual que foram inclusos na rede regular de ensino. A princípio relatou a experiência como diferente e teve receio no início dos trabalhos com os mesmos, como relata:

[Entrevistadora]: Houve algum receio ao receber o(s) aluno(s) com deficiência visual em suas aulas?Quais?

[Prof. Helena]: Sim. Medo de não consegui transmitir o conhecimento a eles.

Em resposta, no início os alunos ficaram perdidos em suas aulas, porém logo se adaptaram e receberam muito apoio dos colegas de classe e da professora:

[Entrevistadora]: Como o(s) aluno(s) se apresentou (aram) em suas aulas?

[Prof. Helena]: No início, acho que ficaram perdidos como eu, mas depois adaptaram bem ao conteúdo com ajuda dos colegas e minha.

Percebe-se então, que os demais alunos o receberam de forma normal e não fazem diferenciação com os mesmos. E relatou também que suas aulas são diferenciadas

em determinados conteúdos, mas que, na maioria das aulas todos trabalham juntos, e os alunos “normais” auxiliam os portadores de deficiência visual.

[Entrevistadora]: Suas aulas são diferenciadas ao(s) aluno(s) portadores de Deficiência visual, ou todos trabalham juntos? Em caso afirmativo, quais são as diferenças?

[Prof. Helena]: São. Todos trabalham juntos. Aulas mais orais, descritivas e direcionadas a eles, alguns materiais concretos.

Os alunos demonstram-se participativos e interessados pelos conteúdos trabalhados pela professora. E para facilitar e ter uma melhor compreensão dos conteúdos, a professora por diversas vezes já adaptou materiais, como imagem em alto - relevo e áudio descritivos. Detecta-se então como uma das dificuldades encontrada pela professora para ministrar suas aulas, a falta de materiais adequados aos alunos, sendo que os mesmos são providenciados pela professora e que na escola não há materiais adaptados e acessíveis. É o que ressalta a professora, quando perguntada sobre a maior dificuldade para ministrar sua disciplina:

[Entrevistadora]: Qual a maior dificuldade para ministrar sua disciplina ao(s) aluno(s) portadores de deficiência visual? Por quê?

[Prof. Helena]: Falta de acessibilidade: material didático e ferramentas e superlotação em sala, pois é quase impossível ministrar aula diferenciada com material inadequado.

Helena refere-se assim devido em que a escola por sua vez tem que acolher estes alunos, e é claro que a convivência com os demais alunos contribui extremamente ao convívio social e pessoal dos alunos com deficiência visual, porém a escola não é acessível, não oferece materiais compatíveis a suas necessidades e professores despreparados. Com tudo, a professora observa que estes alunos têm apoio por toda a comunidade escolar e principalmente por parte dos familiares, ajudando-os nas atividades e cursos que facilitem sua visão de mundo. Mas com todas as dificuldades a professora faz o possível para que os alunos assimilem o que é proposto, sempre trabalhando em conjunto com toda a classe sem diferenciá-los. Ao ser perguntado sobre a expectativa em que se esperava ao final de cada aula, a professora comentou:

[Prof. Helena]: Às vezes realizada, quando vejo que eles conseguiram adquirir conhecimento.

A professora ainda destaca pontos importantes e básicos que contribuem para a inclusão no ensino regular:

[Prof. Helena]: Formação continuada do professor de qualquer disciplina (para educação inclusiva). Material didático e ferramentas – acessibilidade.

Assemelha-se então com a realidade da maioria das escolas, que por sua vez, recebem os alunos com as mais variadas necessidades especiais, sendo que estas não estão preparadas para recebê-los, sem materiais adequados, professores despreparados, sem qualquer tipo de acessibilidade. Desafios imensos, e o olhar arte/educador deve se desdobrar diante das mais diversas situações quando se refere às necessidades especiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi apresentar os principais desafios dos professores de Arte, ao ministrar suas aulas aos portadores de deficiência visual, busquei estabelecer como o aluno portador de deficiência visual procurava-se estabelecer com os conteúdos de Artes Visuais, se participavam efetivamente e se havia materiais de apoio que satisfizesse a compreensão do conteúdo ministrado.

A inclusão já faz parte da escola, ficou evidente, porém a escola não está apta, e nem os professores capacitados para poder receber os alunos portadores de qualquer deficiência de uma forma que satisfaçam os mesmos, não porque não querem, mas por falta de preparo, receio e dúvidas para ministrar conteúdos adequados aos alunos portadores de deficiência visual. Diante disso, ficou claro, que ainda precisa de grandes avanços para que a escola ofereça espaço acessível a que venham contribuir para o pleno desenvolvimento do aluno portador de deficiência visual. A professora enfrenta grandes dificuldades, como a superlotação das salas, e sem nenhum professor de apoio que possa intermediar o processo de ensino aprendizagem “desses” alunos. A escola não disponibiliza materiais de apoio, e muitos dos materiais que trabalhou com os alunos, como obras em auto - relevo ou áudio descritivo foi providenciado pela mesma. O currículo, por sua vez ainda não abrange uma metodologia adequada, ou talvez coerente, para trabalhar de uma forma mais palpável a disciplina. Porém, ainda que, diante de tantas dificuldades a professora apresentou-se muito motivada com a pesquisa, e presume que o trabalho como esse visa um olhar mais prudente a “esses” alunos, e até mesmo a outro tipo de deficiência, enfocando principalmente que todos os alunos são iguais, porém cada um possui suas limitações, mas todos são capazes, e atingem os objetivos propostos se houver apoio, determinação e espaço para que possam mostrar seu potencial.

Já em relação aos colegas de classe, há grande apoio e interesse em contribuir na elaboração das atividades, mostram-se ativos e sempre dispostos, fora e dentro da sala, fazendo-se assim a interação social tão importante para o pleno desenvolvimento dos alunos deficientes visuais.

Assim, podemos concluir que alguns passos já estão sendo tomados, a inclusão já é realidade na maior parte das escolas públicas, professores encontram-se constantemente com os desafios de ministrar suas aulas os portadores de

algumas delimitações, e têm que se desdobrarem para trabalhar sua metodologia, considerando e preparando materiais de apoio, aulas direcionadas, recursos e driblando a superlotação da sala, sem professores de apoio para intermediar os conteúdos.

Assim, vale ressaltar, o desempenho dos professores, que com todos estes desafios, conseguem fantasticamente levar o ensino de artes visuais aos alunos portadores de deficiência visual, motiva a todos a seu redor, porque buscam entender o processo de aprendizagem de seus alunos e os fazem reconhecer o universo artístico que existem ao seu redor. Melhorando assim, sua autoestima, comunicação e descobrindo verdadeiros artistas. Que estarão a todo tempo fazendo parte do cotidiano escolar, e cabe a nós, como arte/educadores proporcionar significativos processos de aprendizagem com a Arte Visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, Neli Klix. *Arte e ensino de Artes Visuais: percursos e possibilidades em educação inclusiva*. Disponível em: <www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/.../arteensino.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2015.

FREITAS, Henrique. *Análise de dados qualitativos: aplicações e as tendências mundiais em Sistemas de Informação*. São Paulo: Revista de Administração da USP, RAUSP, v. 35, n. 4, out./dez. 2000, p.84-102. Disponível em: <http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/analise_de_dados_qualitativos_aplicacoes_e_tendencias_mundiais_em_sistemas_de_informacao.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

GROSS, Leila. *Arte e inclusão: o ensino da Arte na inclusão de alunos com deficiência visual no colégio Pedro II*. 2015. 355 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli de. *Arte e visualidade: a questão da cegueira*. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevSet1998_Artigo2.doc>. Acesso em: 03 set. 2015.

PAGLIUCA, LoritaMarlenaFreitag. *A arte da comunicação na ponta dos dedos: a pessoa cega*. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 4, p, 127-137, abr.1996. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rlae/v4nspe/v4nea13.pdf>. Acesso em: 03 set. 2015.

REYLI, Lucia. *O Ensino de artes visuais na escola no contexto da inclusão*. *Cad. Cedes*, Campinas, v.30, n.10, p.84-102, jan./abr. 2011. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a07.pdf>. Acesso em: 03 set. 2015.

TOJAL, Amanda. *Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus*. 2007. 322 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). - Escola de comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Anexo

Imagens disponíveis em:

GROSS, Leila. *Arte e inclusão: o ensino da Arte na inclusão de alunos com deficiência visual no colégio Pedro II*. 2015. 355 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.



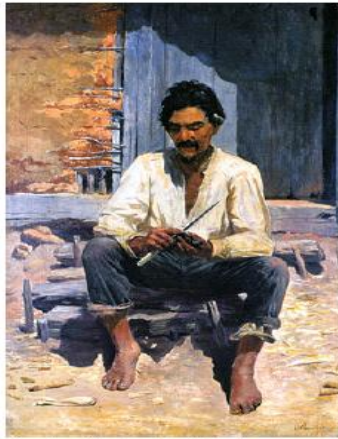
Ilustração 5: Modelagem em cerâmica fria, 20x9cm, trabalho realizado por aluna cega, 2013.



Ilustração 23: Interpretação tridimensional da pintura "Caipira Picando Fumo" de Almeida Jr., tinta acrílica sobre cerâmica fria, tecidos, madeira, 10x18x14cm (GROSS, 2010).



Ilustração 24: Interpretação tátil da pintura "Abaporu" de Tarsila do Amaral, tinta acrílica sobre cerâmica fria, lixa (utilizada no chão, no cacto e no miolo do sol), papel camurça (no sol), cola e giz de cera (sobre a lixa), caixa de papelão, 25x29x2,5cm (GROSS, 2010).



*Ilustração 6: Almeida Jr.
"Caipira Picando Fumo". 1893.
Óleo sobre tela 202x141cm.
Pinacoteca do Estado de São
Paulo. Disponível em:
<www.pinacoteca.org.br>.
Acesso em: 10 jan. 2010.*



*Ilustração 7: Interpretação
tridimensional da pintura
"Caipira Picando Fumo" de
Almeida Jr., tinta acrílica sobre
cerâmica fria, tecidos, madeira,
10x18x14cm (GROSS, 2010).*



Ilustração 20: "Sapato na Cama" Cerâmica, 9x7,3x4cm, trabalho de aluna cega, 2010.



*Ilustração 8: Modelagem
em cerâmica fria,
12x19x10cm, trabalho
realizado por aluna cega,
2011.*